

AMÉRICO VESPÚCIO E HANS STADEN: FANTASIA E EXPERIÊNCIA NOS RELATOS SOBRE O NOVO MUNDO.

Flávia Pinheiro da Silva, Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal. – Humanas - História - Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus Franca.

Quando novas porções de terras foram encontradas a oeste pelos europeus no final do século XV, muitos relatos foram construídos com base em relatos fantasiosos que já existiam sobre outras regiões remotas¹. O encantamento com essas novas terras fez com que o maravilhoso e o fantástico dominassem o imaginário do homem europeu sobre este novo lugar, pelo menos até seu contato direto com ele. A América, num primeiro momento, foi identificada com o paraíso terrestre perdido. A diversidade da fauna e da flora, o clima tropical, o bom ar, a água limpa, fresca e abundante; tudo isso, aguçava o imaginário do europeu que relacionava o novo território com o mito edênico².

A visão de um paraíso terrestre agradava a uma Europa arrasada e maltratada pela fome, pelas doenças e por suas estruturas precárias. Funcionava também como uma terra de refúgio para os constantes embates religiosos e pelo “caos mental” causado pelo renascimento. Soma-se a isso a atração que esta nova terra exercia em relação à acumulação de novas riquezas e à expansão de novos territórios comerciais.

Portanto, num primeiro instante tudo é maravilhoso. Mas, quando o contato com o novo se concretiza, a assimilação do outro se torna difícil e o real assume uma forma demasiada estranha e inexplicável. Aquilo que o europeu não consegue explicar causa-lhe espanto e medo.

Para a realização do presente trabalho faremos uma análise das fontes impressas do século XVI que tratam sobre o descobrimento do Novo Mundo. As principais fontes utilizadas serão os relatos de Américo Vespúcio, *Mundus Novus* e a *Carta de Sevilha* e de Hans Staden, *Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e canibais(...)*, (sendo que a edição utilizada por nós leva o título de *Dois viagens ao Brasil: arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do Novo Mundo*).

A pesquisa está baseada na história do imaginário das pessoas que protagonizaram o fato do estudo em questão, ou seja, as pessoas que fizeram parte da história do encontro e dos iniciais contatos com o homem do novo continente. A abordagem teórica utilizada deverá ser a Nova História Cultural com base na antropologia. A aproximação entre História e Antropologia é uma tendência historiográfica recente dentro da linha da História Cultural³. Burke chama a Nova história cultural de história antropológica, onde o conceito de cultura foi redefinido e estendido⁴.

De acordo com Geertz⁵, cultura é um conceito semiótico; é uma teia de significados e suas respectivas análises que o próprio homem tece. Não é uma ciência experimental, mas uma ciência interpretativa que procura seu significado. Para esse teórico da antropologia, o que define a antropologia social ou a etnografia é o esforço intelectual dispendido para a compreensão das culturas através do que ele define como “descrição densa”.

Para Laplantine⁶, a antropologia cultural procura destacar a especificidade das “personalidades culturais” existentes no mundo assim como as produções culturais características de uma etnia ou nação. O que é colocado em evidência na antropologia cultural, além da descrição, é a descontinuidade de uma cultura em confronto com outra, as coerências e diferenças irreduzíveis de cada uma delas. Se a etnologia é compreensão, a relação etnológica pode ser entendida como relação hermenêutica, provocando sempre uma pluralidade de interpretações e uma multiplicação de possíveis leituras.

¹ GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1969.

³ HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 01-29.

⁴ BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 231-267

⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978. p.15

⁶ LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004, p. 101-103.

Frente ao exposto, partimos de uma análise etnográfica das fontes em questão. As descrições de Staden e Vespúcio sobre os costumes, hábitos e crenças dos nativos do Brasil nos trazem importantes informações sobre a história destes povos e podem ser analisadas como fontes etnográficas, apesar de não estarem isentas de opiniões pessoais dos autores e interpretações precipitadas. Por outro lado, o fato dessas fontes estarem permeadas pelas opiniões de seus escritores, nos revela, de uma certa forma, a cultura deles próprios. Pois, de acordo com Laplantine, “a antropologia também é a ciência dos observadores susceptíveis de se observar a eles mesmos, procurando que uma situação de interação (sempre inédita) se torne o mais consciente possível”⁷.

Américo Vespúcio é um dos mais importantes viajantes do Novo Mundo que escreveu sobre suas viagens e sobre as terras descobertas. A constatação de que tais terras não pertenciam à Ásia, e sim, a um novo continente, contrariando o que todos até então pensavam, fez com que essa nova parte do mundo recebesse seu nome como homenagem, nasceu então a América.

O viajante nasceu provavelmente em 1454 na Itália, viveu em Sevilha desde 1452, onde chegou aos 38 anos. Em 1505 se nacionalizou espanhol. Sua primeira viagem para o novo mundo, a bordo de uma esquadra espanhola, data aproximadamente de 1497. Vespúcio não era marinheiro de profissão, na verdade era comerciante, porém, na prática aprendeu muito sobre o mar. Tinha grande conhecimento sobre cosmografia, algo que se constata em seus escritos. Seus principais relatos sobre as novas terras são a *Carta de Sevilha* enviada a Lorenzo Del Médici de 18 de julho de 1500 e a *Mundus Novus*. Na primeira, segundo uma certa tendência historiográfica⁸, Vespúcio teria chegado ao Brasil antes de Cabral e nesta carta relata as belezas deste desconhecido país. Na *Mundus Novus*, o viajante conclui que as porções de terras recém-descobertas tratavam-se de um novo continente, causando grande alvoroço no Velho Mundo. Esse seu relato, sem dúvida alguma, gerou grande impacto na Europa, visto que alcançou larga divulgação.

Nos escritos de Vespúcio se percebe uma certa preocupação em descrever minuciosamente o novo de uma forma que tais fatos inéditos e deslumbrantes lhe dessem fama eterna. O encantamento com as novas terras, seus habitantes, sua natureza e seus estranhos animais, transparece de uma forma clara assim como a aproximação daquele novo com o paraíso terrestre perdido. A autenticidade das cartas de Vespúcio já foi contestada, porém, o que importa não é o fato de serem autênticas ou não, mas sim, a repercussão e o impacto que foram capazes de causar.

Já Hans Staden foi um náufrago alemão que viveu nove meses entre os índios tupinambás do litoral brasileiro, aproximadamente entre 1550 a 1556. Com seu retorno a Europa, Staden escreveu um livro, intitulado primeiramente de *Descrição verdadeira de um país de selvagens nus, ferozes e canibais, situado no novo mundo América, desconhecido na terra de Hessen, antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos, Hans Staden de Homberg, Hessen, por sua própria experiência os conheceu e agora publica, aumentada e melhorada pela segunda vez*. Este livro narra todas suas experiências e aventuras nesse desconhecido território. Sua obra, publicada pela primeira vez em 1557 na Alemanha, tornou-se uma das mais fiéis fontes sobre a etnografia sul-americana. Suas narrações causaram muito alvoroço e uma larga divulgação, tendo sido reeditada mais de cinquenta vezes em diversos idiomas como o flamengo, holandês, latim, francês, inglês, português, além do próprio alemão⁹. Trata-se, portanto, de uma riquíssima fonte histórica que demonstra a visão do europeu frente ao desconhecido continente. Em seus relatos o encantamento pelo maravilhoso parece se apagar um pouco. Staden escreve de acordo com sua experiência que no caso parece não ter sido muito agradável. Tal fato pode ter influenciado para um certo desencantamento pelo novo mundo já que a visão paradisíaca não se faz tão presente em seus escritos.

A *Carta de Sevilha*, datada de 18 de julho de 1500, para alguns historiadores como Adolfo Varnhagen, Thomas Oscar Marcondes de Souza e Henry Vignaud, trata-se do mais antigo relato que fala

⁷Idem. p. 26.

⁸ Conferir Francisco Adolfo de Varnhagen, Thomas Oscar Marcondes de Souza e Henry Vignaud.

⁹ De acordo com Francisco de Assis de Carvalho Franco, na introdução de uma edição brasileira da obra de Hans Staden em 1941.

sobre o primeiro contato do europeu com o território brasileiro. Portanto, para esses historiadores, Américo Vespúcio teria sido o verdadeiro “descobridor” do Brasil.

Nesta carta, Vespúcio narra sua viagem em uma esquadra espanhola à América do Sul e ao Caribe entre maio de 1499 e junho de 1500. Admira-se com as belezas que vê nesse novo território. Fala da grandiosidade das árvores, do seu eterno verde, de seu suave odor; dos grandes rios doces; das grandes variedades de pássaros e de suas diversas formas e cores com seus cantos suaves e melodiosos. Relata também as várias qualidades de peixes e se assusta com suas “deformidades”. Nesse relato, Vespúcio constata a habitabilidade das zonas tórridas, onde, diferente do que se pensava, o ar é mais fresco e temperado. A sensação de proximidade com o paraíso terrestre pode ser apontada em algumas passagens como: “as árvores são de tal beleza e tão apazíveis que pensávamos estar no paraíso terrestre”.

Na *Carta de Sevilha*, Vespúcio ainda acreditava que aquelas terras pertenciam à Ásia. Seus relatos trazem descrições sobre o contato da armada com os indígenas, demonstrando desrespeito e imposição da força do branco em relação aos nativos, se utilizando de crueldade e poder sobre os mais fracos. “Encontramos muitíssima gente nua, toda medrosa e de pouco ânimo, e fazíamos delas o que queríamos” ou “fomos a certa ilha e pegamos à força 232 almas para servirem de escravos para carregar os navios”.

Na segunda carta de Vespúcio, *Mundus Novus*, o viajante repete muitas idéias da *Carta de Sevilha* como a habitabilidade das zonas tórridas, a proximidade do paraíso e a descrição do território e de suas gentes. Porém, é na *Mundus Novus* que Vespúcio expõe sua certeza de que aquelas terras fazem parte de um novo continente e não da Ásia.

Nos dois relatos, Vespúcio ao descrever os habitantes dessa nova terra deixa transparecer seu conflito mental causado pelo encontro com culturas tão diferentes. A visão bipolar do indígena, ora visto como bom selvagem, ora visto como cruel canibal esteve sempre presente em seus escritos. O hábito indígena de comer carne humana é repudiado, mas ao mesmo tempo, faz menção às suas qualidades (bondade, generosidade, desapego) que amenizam seus defeitos, abrindo espaço para uma possível salvação. Da mesma forma é colocado o conflito entre o feio e o belo, quando narra a beleza física dos índios e o fato deles mesmos se deformarem quando perfuram seus rostos e ficam parecidos com “monstros”.

Outra visão comum nas duas cartas é a questão da nudez indígena. Vespúcio vê esse hábito como algo “desonesto e sem pudor”, como um “costume depravado”. Ao escrever sobre as mulheres o julgamento de tal hábito se intensifica, erotizando as índias e chamando-as de “libidinosíssimas”.

Há nas descrições de Vespúcio aquilo que Sérgio Buarque de Holanda chamou de tópicos do paraíso e que permearam os primeiros escritos sobre o Novo Mundo. O encantamento com as terras férteis, a abundância das águas, o bom clima, o eterno verde, as boas gentes, os bons frutos e os belos pássaros, são visões que, apesar de em certos momentos conflituosas, se destacam em Vespúcio e que nos escritos de Hans Staden não têm a mesma intensidade.

Staden não se preocupa em relatar o novo de uma forma minuciosa e encantadora. Sua preocupação é relatar o período de angústia e agonia em que viveu entre os tupinambás e louvar à Deus pelo “milagre” de sua salvação. O foco central de Staden na descrição do indígena é a prática canibalística. Relata a captura do inimigo, a festa preparada para devorá-lo, seu esquartejamento, o preparo da bebida que é servida nesta festa, a forma de comer a carne humana etc. Também cita as qualidades dos índios como a agilidade e rapidez na caça e na pesca, sua beleza física e sua generosidade ao repartirem tudo o que lhes sobram. Staden não busca fama e reconhecimento eterno em seus escritos, busca apenas alertar seus leitores dos perigos existentes no Novo Mundo e louvar e exaltar a Deus. Por isso, não há passagens em que ele se mostra encantado por aquilo tudo. A aproximação com o paraíso terrestre não está presente em seus escritos. A palavra “paraíso” não aparece nenhuma vez. Sua experiência concreta entre os tupinambás o torna mais realista.

Ao descrever os animais americanos, Staden não se demonstra espantado, mas procura os descrever corretamente e de uma forma simples de modo a despertar a curiosidade do leitor. Diferentemente de Vespúcio que ao os descrever como bestas “horríveis e disformes” demonstra como a assimilação do novo e do desconhecido se fez tão difícil.

Ao tratar sobre as mulheres, Staden se preocupa mais em relatar sua frieza para comer e maltratar seus prisioneiros do que sua erotização. O desconforto que a nudez indígena lhe causava (Staden também foi forçado a se despir) parece ter sido facilmente superado, pois quando se acostuma à situação não faz mais menção a ela.

Essas diferenças essenciais entre Américo Vespúcio e Hans Staden se deram pelo fato da experiência real e convivência concreta do segundo viajante neste território com esses povos. Percebe-se em Staden uma narração mais minuciosa e menos tendenciosa, sem muitas influências do imaginário maravilhoso dos primeiros contatos. Staden se aproxima mais de uma descrição etnográfica sem, no entanto, se preocupar em entender essa diferente cultura.

Referências bibliográficas.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas*. São Paulo: Edusp, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Arrojadas aventuras do século XVI entre os antropófagos do Novo Mundo. São Paulo: Sociedade Hans Staden, 1942.

VESPÚCIO, Américo. *O Novo Mundo*. As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.